

La Comédiathèque

Um Pequeno Assassinato sem Consequências

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Um Pequeno Assassinato sem Consequências

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

*Do adultério involuntário ao homicídio involuntário,
vai apenas um passo, facilmente transponível.
Mais difícil é fazer desaparecer a prova do crime...*

Personagens

Albano
Eva
Glória

*É possível uma adaptação desta peça para dois homens e uma mulher:
tudo o que tem de fazer é trocar o género de todas as personagens.*

Ato 1

Um salão burguês, estilo boémio, um pouco desarrumado. Um telemóvel, abandonado no chão, está a tocar. Albano chega, visivelmente preocupado. Tem sangue nas mãos. Ele olha para o telemóvel, sem atender.

Albano – Porra...

O telemóvel para de tocar. Ele pega num lenço, apanha o telemóvel com cuidado e coloca-o no bolso. Tenta arrumar, rapidamente, a sala. Apanha do chão uma camisa manchada de sangue, que examina com espanto.

Albano – Oh não, isto não está a acontecer...

A campainha toca. Ele coloca a camisa sob uma almofada do sofá. Novo toque da campainha.

Albano – Já vai!

Ele desaparece um momento para ir abrir e volta atrás de Eva, a sua mulher.

Eva – Desculpa, esqueci-me outra vez das chaves. De qualquer forma, hoje está tudo a correr mal. Fui nomeada para defender uma mulher acusada de homicídio em primeiro grau. Olha, vais-te rir. Uma entusiasta de trabalhos manuais que cortou o marido em três bocados com uma serra eléctrica. E acontece que (*pára ao reparar que Albano não está a ouvir*). Não pareces muito bem. Ainda estás bloqueado com a tua nova peça?

Albano – Sim, mas o problema não é esse...

Eva – Bem, estás a começar a assustar-me. Qual é o problema? Não me digas que a tua mãe vem jantar?

Albano – Não, não, não te preocupes...

Ele senta-se no sofá.

Eva – Nesse caso, não pode ser assim tão mau. Por falar nisso, o que é que queres comer? Não me apetece cozinhar. Podíamos encomendar sushi, e comer a ver televisão, não?

Albano – Sim... Mas, não... Não estou com cabeça para isso.

Eva – Não sabia que era preciso estar com cabeça para engolir sushi... (*Ela senta-se ao lado dele no sofá e beija-o.*) Não é como se te propusesse que me possuísse, aqui e agora, no tapete da sala. (*Perante a sua falta de entusiasmo*) Que entusiasmo! Bom, vou pedir dois menus. O que é bom no sushi, é que nunca arrefece!

Albano – Não é como os cadáveres.

Eva mostra surpresa ao ouvir esta frase mórbida.

Eva – Bom... enquanto esperamos pelo sushi, podes contar-me as tuas desgraças e eu farei o impossível para te devolver a alegria de viver. *(Pega no telemóvel e começa a marcar números.)* Soja ou teryaki?

Albano – O quê?

Eva – O molho, para o sushi! Soja ou teryaki?

Albano – Não sei...

Ele levanta-se e caminha pela sala...

Eva – Um de cada, como de costume... *(Com a pessoa no telefone)* Sim, é para uma entrega ao domicílio. Dois menus Califórnia. É isso, rua Fernando Pessoa, número 9... Então, um de soja e um teryaki. Ok, muito obrigado. *(Ela guarda o telemóvel.)* Daqui por meia-hora... Vá lá, vem e senta-te ao meu lado, a Mamã vai cuidar de ti... *(Ela move uma almofada para lhe dar espaço, vê a camisa ensanguentada e puxa-a para si.)* O que é esta coisa horrível? O que é que aconteceu aqui? *(Vendo o sangue nas mãos dele.)* Estás ferido?

Albano – Não, eu... A camisa não é minha, e o sangue também não...

Eva – Então de quem é o sangue?

Albano – Olha, Eva, acho que matei alguém...

Eva *(incrédula)* – Achas que...? O que é que estás a dizer?

Albano – Não, quer dizer... eu não acho... Tenho a certeza...

Eva – Mas Albano, isso não é possível. Não se mata alguém assim. Olha para mim, por exemplo. Muitas vezes quis matar a tua mãe, e ainda não o fiz. E sabes porquê?

Albano – Não...

Eva – Porque não sou uma criminosa, é por isso! Eu não ajo por impulso. Eu penso nas coisas! Eu meço os prós e os contras. E penso que 20 anos de prisão, ainda seria muito caro pagar pelo prazer que me daria o instante em que estrangulasse a tua mãe.

Albano – Parece que os homens resistem muito menos aos seus impulsos.

Eva – Escuta, Albano, eu trabalho com criminosos todos os dias no tribunal. E podes crer que tu não tens o perfil.

Albano – Eu também pensava assim... até há pouco tempo!

Eva – É uma ideia para a tua nova peça!

Albano – Desculpa?

Eva – A história de uma mulher que chega a casa depois do trabalho, e a quem o marido diz que matou o amante? Queres testar a tua ideia em mim, não queres?

Albano – Porra, Eva, eu matei uma pessoa, queres que te faça um desenho?

Eva – É que não basta querer ser um assassino, sabes? Tens de prová-lo.

Albano – Ai sim...?

Eva – Se soubesses quantas pessoas assumem crimes que não cometeram... Na semana passada, no tribunal, estava a defender um escoteiro acusado de ter assassinado um padre. Bem, nem vais acreditar, mas havia meia dúzia de outros escoteiros que se gabavam de o terem assassinado também. Tive de batalhar para convencer o juiz de que o culpado era o meu cliente.

Albano – Bom... E como é que fizeste isso?

Eva – Muito simples... Ele era o único que sabia debaixo de que árvore tinha enterrado o cadáver do santo homem!

Albano – E então?

Eva – E então? *Where is the body?*

Albano – Está ali ao lado, na cozinha.

Eva, de repente, parece perceber a gravidade da situação.

Eva – Na cozinha? Estás a brincar comigo.

Albano – Queres ir ver?

Eva olha para a cozinha, hesita mas desiste.

Eva – Mas... o que é que aconteceu? E, primeiro que tudo, quem é ele?

Albano – É... o Rui.

Eva – O Rui?

Albano – O Rui.

Eva – Oh, Não... Não pode ser o Rui...

Albano – Preferias que eu matasse outra pessoa?

Eva – Meu Deus, Albano... Diz-me que não é verdade...

Albano – Quem me dera... Infelizmente...

Eva – É uma piada, é isso?

Albano – É a camisa dele que tens nas mãos. Vê... Ele tem as iniciais gravadas nos botões-de-punho.

Eva lança um olhar alucinado aos botões-de-punho.

Eva – R.R.

Albano – Rui Rodrigues. Além disso, não conhecemos mais ninguém que use botões-de-punho, sem ser no dia do casamento.

Eva – Mas, Albano... porquê?

Albano – Foi um acidente...

Eva – Um acidente? Queres dizer... Um acidente doméstico?

Albano – Podes chamar-lhe isso...

Eva – Então, desembucha! Estavas a cortar as sebes no jardim, não viste que ele estava lá atrás a mijar, e cortaste-lhe... a carótida? Se for qualquer coisa assim, não te preocupes, não é crime... Com um bom advogado...

Albano – Infelizmente, não foi assim que aconteceu.

Eva – E como é que aconteceu, então?

Albano – Digamos que foi mais um... homicídio involuntário.

Eva – Como assim, involuntário?

Albano – Tivemos uma discussão.

Eva – Uma discussão? Queres dizer andaram à luta?

Albano – Sim, é isso. Andámos à luta, se preferes.

Eva – Andaram à luta a sério, e...?

Albano – Pelo menos, suficientemente a sério para que o matasse. Mas espera aí, eu sinto que já estou a responder a um interrogatório.

Eva – Desculpa... Ossos do ofício.

Albano – O que é certo, é que o matei.

Eva está devastada.

Eva – Isto é tudo culpa minha.

Albano – Como?

Eva – Quero dizer, não diretamente, mas....

Albano – Como assim, culpa tua?

Eva – Não te vou abandonar, Albano. Um crime passional, é um bom argumento na justiça, tu sabes.

Albano – Um crime passional? Queres dizer... Achas que eu e Rui...?

Eva – Mataste-o porque dormi com ele, é isso?

Albano (*siderado*) – Dormiste com o Rui?

Momento de incerteza.

Eva – Não foi por isso que o mataste?

Albano – Não sabia que tu tinhas dormido com ele.

Eva – Já foi há muito tempo.

Albano – Há quanto tempo?

Eva – Não me lembro. Seis meses, mais ou menos...

Albano – Chamas a isso “muito tempo”? Daqui a nada, vais-me dizer que prescreveu, não?

Eva – Foi... um acidente.

Albano – É isso... “Um acidente doméstico”?

Eva – Não foi um caso romântico, Albano. Só aconteceu uma vez. Eu nunca o amei.

Albano – Ah, boa, agora é que vou dormir mesmo descansado... a saber que tu podes dormir com gajos de quem não gostas!

Eva – Gajos não! Foi só o Rui, a sério. Foi apenas um mal entendido! Quer dizer, o Rui! Francamente, estás me a imaginar com o Rui?!

Albano – Calminha, Lembra-te que ele é o meu melhor amigo.

Eva – Lembra-te que o mataste...

Albano – E como é que aconteceu, então?

Eva – Foi... um equívoco.

Albano – Ah, estou a perceber... Um adultério involuntário.

Eva – Exatamente!

Albano – Eu nunca ouvi uma explicação tão ridícula. É essa a tua linha de defesa?

Eva – Espera lá, não queiras virar o bico ao prego, está bem? Tu é que cometeste um crime, não eu. E agora tens de te explicar à polícia.

Albano – Porque tu vais-me denunciar à polícia?

Eva – O que é que sugeres que façamos?

Albano – Era o que queria fazer, pois é. Antes de chegares. Mas agora que sei que o Rui é teu amante... ninguém vai acreditar em homicídio involuntário!

Eva – Agora a culpa vai ser minha! E ele não é meu amante, como tu dizes. Só dormimos juntos uma vez!

Albano – Seja o que for, vai parecer vingança. Um ato premeditado. Vou apanhar prisão perpétua!

Eva – Nós explicamos-lhes...

Albano – O adultério involuntário?

Eva – Eh! Eu, pelo menos, não matei ninguém!

Um tempo.

Albano – Então o que vamos fazer?

Eva – Como assim, vamos?

Albano – Não vais me abandonar, pois não? Enganas-me com o meu melhor amigo, e agora que o matei, lavas daí as mãos?

Eva – Quando o mataste, ainda não sabias que eu tinha dormido com ele!

Albano – Não vamos brincar com as palavras, ou vamos?

Eva – Alias, é verdade. Porque é que mataste Rui, já agora?

Albano – É uma história estúpida.

Eva – Sou toda ouvidos...

Albano – Digamos que... Ele confessou-me que não tinha gostado mesmo nada da minha última peça.

Eva – Da tua última peça? *Micro-ondas*?

Albano – Ok, talvez não tenha sido a melhor.

Eva – Foi um fracasso!

Albano – Agradeço-te a gentileza de mo lembrares...

Eva – Eu não te disse que tinhas de mudar o título...? E foi por isso que o mataste? Porque ele te disse que não gostou da peça que, de qualquer maneira, toda a gente achou uma merda?

Albano – Parece que despertou entre nós uma rivalidade latente durante anos. Sempre tivemos uma rivalidade, eu e o Rui. Com as raparigas, por exemplo. Já no liceu...

Eva – Pronto, e então?

Albano – Começámos a lutar, ele escorregou e bateu com a cabeça no canto da mesa.

Eva – A quantidade de sangue na camisa faz-me pensar que o ferimento foi feito com uma arma branca.

Albano – Começou a sair sangue por todos lados. Pelos olhos, pelo nariz, pelas orelhas. Ele teve convulsões durante um bom quarto de hora. E depois mais nada.

Eva – E não pensaste em ligar para o 112?

Albano – Sabes como é, eu estou a dizer um bom quarto de hora, mas talvez tenham sido uns minutos ou segundos, quem sabe. Eu estava em pânico... apavorado... Não me dei conta. Quando decidi ligar, já era tarde. (*Toca a campainha, Albano parece preocupado*). Achas que são eles?

Eva – Quem? O 112?

Albano – A polícia!

Eva – Se não lhes telefonaste...

Albano – Os vizinhos podem ter ouvido alguma coisa.

Eva – Ah, não, deve ser a Glória...

Albano – A Glória? A mulher do Rui?

Eva – Conheces outra Glória?

Albano – Mas como é que ela pode já ter descoberto?

Eva – Ela não sabe. Ela ligou-me há uma hora. Tinha-me esquecido completamente. Ela queria falar comigo sobre qualquer coisa importante. Eu disse-lhe para passar aqui.

Albano – Não abrimos.

Eva – Ela vai achar estranho. Eu disse-lhe que estava em casa.

Albano – Tens razão. Então, vai tu. Vou esconder-me na cozinha.

Eva – Não achas que devíamos contar-lhe tudo? E acabar com isto...

Albano – Dizer-lhe que o cadáver do marido está no chão da cozinha, numa poça de sangue? Achas mesmo que é a maneira certa de lhe dizer que é viúva?

A campainha toca de novo.

Eva – Ok... Vou tentar despachá-la e depois logo se vê.

Albano – O mais importante é não a deixares entrar na cozinha.

Albano vai esconder-se na cozinha. Eva vai abrir, depois de colocar a camisa debaixo da almofada.

Eva – Já vai!

Eva sai e volta com a Glória.

Glória – Desculpa aparecer assim sem avisar. O Rui não está em vossa casa?

Eva – O Rui? Que ideia mais engraçada... Não, porquê?

Glória – Pensei que tinha visto a mota dele lá em baixo, mas pronto. Uma mota ou outra mota. São todas iguais, não é?

Eva – Sim... Pois é.

Glória – E o Albano?

Eva – Sim, sim, está cá, mas... está a trabalhar. Na sua nova peça. E sabes como ele é, quando escreve.

Glória – Eu percebo. Especialmente depois do fracasso da última peça... Como é que se chamava?

Eva – *Micro-ondas.*

Glória – Isso! Era óbvio que a coisa ia esturricar!

Eva – Imagino que não tenhas vindo cá para falar comigo sobre isso.

Glória – Desculpa estar a incomodar. Sei que não é uma boa altura, mas é importante.

Eva – Sem problema, não incomodas nada. Se não pudermos contar com os amigos quando precisamos deles... Queres beber alguma coisa?

Glória – Não obrigada, estou bem assim.

Eva – Ainda bem. (*Glória olha para Eva um pouco surpreendida*) Não, quero dizer... Por favor, senta-te. (*Glória vai para sentar-se no sofá perto da almofada debaixo da qual está a camisa*) Hum... não, senta-te aqui, isso

Eva indica a Glória um banco ou um pufe bastante desconfortável.

Glória (*sentando-se*) – Está bem...

Eva – Não, porque nestes sofás, sabes como é... Adormeces depressa. Estou um pouco cansada, e... quero estar focada em ouvir-te. (*Ela pega num banco semelhante e também se senta.*) Então, o que é que tinhas de tão importante para me dizer?

Glória – Bom... Não vais acreditar... Acabei de descobrir que o Rui me anda a trair.

Eva – Não... E tu não sabias?

Glória – Não... Porquê, tu sabias?

Eva – Não, claro que não. Queria dizer.... E sabes com quem?

Glória – Não exatamente.

Eva – Ainda bem, ainda bem...

Glória – Como assim, ainda bem?

Eva – Não, quer dizer, não seria pior se soubesses com quem?

Glória – Não sei.

Eva – O que importa, afinal... O importante é que ele te traiu, certo?

Glória – Sim, tens razão. O pior seria ele andar a trair-me com alguém que conheço.

Eva – Ah pois...

Glória – Consegues imaginar? Descobrires que o teu marido te anda a trair com a tua melhor amiga?

Eva – Mas o que é que estás a dizer?

Glória – Não, não te preocupes. Nunca te faria uma coisa dessas.

Eva – Obrigada.

Glória – Seja como for, acabou-se. Vou divorciar-me.

Eva – Acalma lá os cavalos. Não achas que é uma decisão precipitada? Talvez tenha sido um acidente...

Glória – Um acidente? Como assim?? Tu achas que alguém entra por outra pessoa dentro assim? Inadvertidamente? Porque está com a cabeça noutra lado? E depois, basta fazer uma declaração ao seguro e ele paga?

Eva – Não, claro que não, mas...

Glória – E quando volta para casa, à noite, o tipo diz simplesmente à mulher: olha, esqueci-me de te dizer, tive um pequeno acidente, meti-me pela vizinha adentro! Mas a culpa foi dela!

Eva – A vizinha também?

Glória – Não, é uma maneira de dizer! É um exemplo. Tens a certeza que estás bem? Parece que esta história te está a incomodar mais do que a mim.

Eva – Eu preocupo-me contigo. Vocês eram um casal tão... quando diziam Rui e Glória, era...

Glória – Era como dizer Albano e Eva.

Eva – Então imaginar que vocês vão se separar...

Glória – Pois é, viste? Nada dura para sempre.

Eva – Realmente, Adão e Eva não acabaram muito bem.

Glória – Seja como for, nunca mais vou dormir debaixo do mesmo teto que aquele desgraçado!

Eva – Eu entendo-te, naturalmente.

Glória – E conto contigo para me divorciares, hã!

Eva – Achas? Não sei bem se... Conheço os dois, pode ser constrangedor.

Glória – Estás a gozar? Tu és minha amiga. O Rui é mais amigo do Albano. Nós as duas, já nos conhecíamos muito antes de os conhecermos, certo?

Eva – É verdade...

Glória – São todos uns porcos, pá... Não estou a dizer que o Albano também seja, claro.

Eva – Claro.

Glória – Se bem que aqueles dois, aqui entre nós, são farinha do mesmo saco...

Eva – Vá não exageres... Garanto-te que o Albano...

Glória – Espera lá, que quando eu lhe puser os papéis à frente, ele nem vai saber o que o atingiu. És ou não és uma assassina?

Eva – Perdão?

Glória – Como advogada! Tu és uma assassina, não? Pelo menos é essa a tua reputação.

Eva – Ah é?

Glória – Foi a Paula que me disse. Tu sabes, trataste do divórcio dela.

Eva – Ah sim?

Glória – Sim! Ela era casada com um dentista. Tinha um grande consultório nas Avenidas Novas. Aparentemente, as pacientes não abriam a boca *só* para arranjar os dentes. Enfim! ouvi dizer que deixaste o marido com uma mão à frente e outra atrás.

Eva – Que exagero. Não é exatamente o papel de uma advogada, sabes. Um divórcio é, em primeiro lugar, o fracasso de um projecto de vida em comum. Nós estamos lá para tornar a separação menos dolorosa.

Glória – Oh, não sejas tão modesta. Eu sei que és uma assassina! E deixa que te diga, o Rui, há-de ficar sem uma gota de sangue.

Albano volta, com um avental manchado de sangue.

Albano – Olá.

Glória – Pensava que estavas a escrever a tua nova peça de sucesso.

Albano – Estava a cozinhar ao mesmo tempo...

Glória – Ah, sim...

Albano – Sabes, escrever tem muito a ver com cozinhar. Bons ingredientes desde o início. Uma boa receita. Um pouco de sal. Um pouco de pimenta. Depois disso, é só deixar levantar fervura.

Glória – Muito bem. Eu não sabia que também eras *chef*... e qual é a tua especialidade?

Albano – O patê de javali.

Eva – A sua famosa receita secreta. Quando ele a faz, ninguém pode entrar na cozinha.

Albano – E tu, como estás?

Eva – O Rui deixou-nos... quero dizer, a Glória... A Glória decidiu deixar o Rui.

Albano – Não...

Glória – Acabei de descobrir que o filho da mãe me andava a trair. Sabias de alguma coisa, tu?

Albano – Eu? Absolutamente de nada! Porque é que eu saberia de alguma coisa?

Glória – Solidariedade masculina, eu sei o que é. Quando se trata de fornecer um álibi a um amigo... ou mesmo um quarto de hóspedes.

Albano – Garanto-te que estás no caminho errado, Glória. Bem! Somos amigos... Como é que podes pensar que...

Glória – Desculpa, são os nervos. Estou a começar a dizer disparates.

Eva – Vais ficar aqui um bocadinho, até te acalmares um pouco. Depois, vais para casa dormir e falamos sobre isto amanhã. Com a cabeça fresca. Está bem?

Glória – Na minha casa? Já te disse, está fora de questão. Aliás, aproveito que estão aqui os dois para vos pedir um favor...

Albano – Sim...?

Glória – Importam-se que durma aqui esta noite?

Eva – Bem...

Glória – Amanhã, arranjo uma solução... ou vou viver com a minha mãe. Mas esta noite... (*Começa a soluçar*) Preciso de um pouco de companhia. E vocês são os meus únicos amigos.

Eva aproxima-se dela para consolá-la.

Eva – Sim, claro.

Glória – Eu já sabia que eu podia contar com vocês. E não me imagino contar isto à minha mãe. Ela odiava o Rui. Ela sempre disse que ele era um mulherengo. Infelizmente, ela estava tinha razão. Mas eu não queria ouvir os sermões dela agora. Mas convosco...

Eva – Pois claro, nós estamos aqui para ti. Não é, Albano?

Glória – Vocês são verdadeiros amigos. Significa muito para mim.

Glória cai nos braços de Eva.

Eva – Não te preocupes, vai ficar tudo bem... Espero...

Albano – Vou deixar-vos sozinhas, vou acabar o meu patê...

Eva vê-o sair, horrorizada.

Glória – Se o tivesse aqui, à minha frente, não sei do que seria capaz, juro por Deus... Até tenho vontade de o transformar a ele em patê, esse porco....

Eva – Vá, não digas isso...

Glória (*limpando as lágrimas*) – Lamento muito arrastar-te para o meio disto.

Eva – Estás melhor?

Glória – Um pouco... Mas agora já bebia qualquer coisa.

Eva – Eeh... Sim... O que é que queres?

Glória – Um copo de água da torneira, tanto faz. Mas não te preocupes, eu vou à cozinha servir-me.

Eva – Não!

Glória (*admirada*) – Ah pois, é verdade... Esqueci-me... o patê de javali.

Eva – O que precisas é duma bebida forte.

Glória – Eu não sei se...

Eva – Eu acompanho-te. Também preciso de uma bebida.

Glória – Ai é?

Eva tira uma garrafa e dois copos de um armário. Enche os copos e levanta o seu para brindar.

Eva – Pronto, não vamos deixar que isto nos deite abaixo, ok? (*Preocupada*) Vamos ultrapassar isto...

Ela desata a chorar, e desta vez é Glória que se aproxima para consolá-la.

Glória – Eu sabia que eras minha amiga, mas francamente, não pensei que isto te afetasse tanto.

Eva levanta-se.

Eva – Vá, vamos brindar... Não traz o Rui de volta, mas vai nos ajudar a relaxar.

Ela bebe o shot. Glória imita-a.

Glória – Beeem... Isto tem força para acordar um morto...

Eva – Quem me dera...

Glória – Isto é o quê?

Eva – Aguardente de batata.

Glória – Ah, pois... É... Dá para... Na verdade, isto não tem muito sabor, pois não?

Eva – Não.

Glória – De qualquer forma, limpa bem as vias respiratórias...

Eva (*distráida*) – Sim...

Silêncio.

Glória – Como pude ser tão estúpida?

Eva – Perdão?

Glória – Com o Rui! Nem me apercebi do que aí vinha.

Eva – Talvez ele volte... É só um pesadelo, vais ver, e vamos todos acordar.

Glória – Infelizmente, acho que não. Estavas a perguntar-me há bocado se eu sabia quem era...

Eva – Quem?

Glória – Aquela com quem o Rui me traiu!

Eva – E então?

Glória – Se houvesse só uma...

Eva – Como assim??

Glória – Descobri, por acaso, ao adivinhar a *password* do seu suposto computador de trabalho, que o Rui tinha uma conta num *site* de encontros.

Eva – Um *site* de...

Glória – Encontrossemfuturo.com... Não é com uma mulher só que ele me engana, é com centenas!

Eva – Não...

Glória – É um tarado sexual, digo-te. Velhas, jovens, gordas, magras, loiras, morenas... Para isso, ele não se faz difícil. Tudo o que vem à rede é peixe.

Eva – Ai é...?

Glória – Eu estou a descobrir aquele homem, acreditas? E se visses as coisas delas...

Eva – Ah porque além disso, ele ainda tira fotos às...

Glória – Não, quer dizer... as coisas que elas escrevem, nas mensagens.

Eva – Ah, pois, mas há limites, com certeza.

Glória – Pois, os limites, posso dizer-te que o Rui não os tem bem marcados.

Eva – Então?

Glória – Se lesses as conversas, juro-te.. Estou a descobrir o homem, sabes? Porque comigo, é muito mais enfiado...

Eva – Sim, comigo também. Quero dizer, comigo com o Albano.

Glória – Olha, cuidado. Pensamos que os conhecemos, e um dia...

Ouve-se o som de uma faca elétrica, de um corta-sebes ou de uma serra elétrica.

Eva – Ele está a aparar as sebes.

Glória – A fazer o patê de javali?

O ruído duplica.

Eva – Talvez eu deva ir ver o que ele está a fazer. Queres ir andando para o quarto de hóspedes?

Glória – Está bem. Não te incomodes. Eu conheço o caminho. E mais uma vez, obrigada por tudo.

Glória sai. Albano volta.

Albano – Onde é que ela foi?

Eva – Estrangulei-a e atirei-a para a banheira enquanto esperava. Mais vale apagar todas as testemunhas inconvenientes.

Albano – Não fizeste isso...

Eva – Claro que não. E tu? Podes me explicar o que está a acontecer? O que é esse barulho todo?

Albano – Não podia deixá-lo no meio da cozinha.

Eva – Então o que é que fizeste?

Albano – Pu-lo no congelador. Até decidirmos o que fazer com o corpo.

Eva – E entretanto, cortaste as sebes? Na cozinha?

Albano – Não mas, como não cabia tudo inteiro...

Eva – Ai meu Deus... Não pode ser... Como é que isto aconteceu, Albano? Acabou-se, vou chamar a polícia.

Ela pega no telemóvel.

Albano – Queres mandar-me para prisão?

Eva – É o lugar dos criminosos, não é?

Albano – Mas eu já te disse, foi um acidente.

Ela reconsidera.

Eva – Tens a certeza absoluta que ele está morto?

Albano – Queres dizer: tenho a certeza que ele estava mesmo morto, antes de eu o cortar em três bocados com um corta-sebes?

Eva – Nunca pensei ouvir isso da boca do homem com quem casei.

Albano – Lembra-te dos votos. Para o melhor e para o pior... Devias ter pensado nisso antes.

Eva – Antes do quê?

Albano – Antes de me traíres com o Rui...

Eva – Tu enlouqueceste, Albano. Precisas de ajuda. Tu próprio disseste que é homicídio involuntário. Alegamos insanidade temporária.

Eva marca um número.

Albano – Não faças isso.

Eva – É a única maneira.

Albano – Serás considerada cúmplice.

Eva – E porquê?

Albano – A mulher dele está aqui. Tu não lhe disseste nada.

Eva – Mas porque é que te ajudaria a matá-lo?

Albano – Porque ele também te enganava. Querias vingança.

Eva – Como assim, ele enganava-me?

Albano – Ouvi-vos há pouco. Eu sei da conta dele no *site* de encontros.

Eva – Então, tu sabias?

Albano – Sabes, quando se trata de sexo, os homens são muito gabarolas. Às vezes, até é de pensar que eles enganam as mulheres só para se poderem gabar da lista de conquistas com os amigos. É o lado predador deles.

Eva – E tu não me disseste nada?

Albano – De que é que te servia saber? Além de te colocar numa posição embaraçosa com a Glória...

Eva – Estou a perceber, era para me proteger. De qualquer forma, eu não tinha motivos para matar o Rui.

Albano – Achas?

Eva – Porque é que haveria de fazer isso?

Albano – Ciúmes, também. Como a Glória...

Eva – Mas tu és louco...

Albano – Pensavas que eras a única. Não conseguiste suportar descobrir que eras apenas uma das muitas conquistas dele. E quando te disse que queria matá-lo, ajudaste-me. Para apagar qualquer rasto da tua culpa...

Eva – Tu és completamente louco, Albano!

Albano – Somos os dois! Somos duas faces da mesma moeda. Vejo daqui os títulos dos jornais : “Casal diabólico despedaça o cadáver do marido da sua melhor amiga e conserva-o no congelador. Antes de jantar tranquilamente no quarto ao lado com a viúva”...

Eva – Contarias uma história como esta à polícia! Só para me arrastares contigo na tua queda. É monstruoso!

Albano – Mas não seria eu a contar isso! É o que o juiz vai pensar. Mesmo que eu alegue que sou o único culpado, ele vai ficar convencido de que te estou a tentar proteger.

Ela parece estar confusa.

Eva – Achas?

Albano – Seja como for, será o fim da tua carreira como advogada. Como se pode confiar o divórcio a alguém que desfaz os amantes com uma serra elétrica?

Eva – Infelizmente, tens razão...

Albano – Para além disso, imaginas-te a dizer ao juiz que me enganaste sem querer?

Eva – Mas é a verdade, juro!

Albano – Um adultério involuntário? Conta-me lá isso, para ver se me convences...

Eva – Foi no fim de semana em que foste para Faro para a estreia de *Micro-ondas*. Eu tive que ir a Coimbra para um julgamento que acabou por ser adiado.

Albano – Diz antes que não querias ver aquele desastre...

Eva – Pronto, não estávamos cá nem um, nem outro. E a casa era para estar vazia.

Albano – O Rui pediu-me para lhe deixar as chaves, para estar com uma das suas conquistas. Então eras tu?

Eva – Não, claro que não! Cheguei a casa a meio da noite, sem avisar. Não sabia que lhe tinhas emprestado a casa. E ainda por cima, a nossa cama, para dormir com uma das suas amantes.

Albano – É a única cama de casal da casa... E então?

Eva – Então deitei-me logo quando cheguei a casa.

Albano – Com o Rui...

Eva – Eu bem vi que estava alguém na cama, mas pensei que eras tu! Pensei que afinal, tivesses decidido voltar para casa logo após a tua estreia. Como sabia que ia ser um fracasso, não fiquei surpreendida...

Albano – Obrigado...

Eva – Não fiz barulho para não te acordar.

Albano – Mas o teu parceiro acordou.

Eva – A cadela do Rui deve ter saído a meio da noite, provavelmente. E, pelos vistos, ele não ficou satisfeito.

Albano – Então foste a substituta, por assim dizer. Entraste em campo no intervalo, não é?

Eva – Ele deve me ter confundido com ela. Foi só na manhã seguinte que percebi que não eras tu na cama. Embora tenha ficado um pouco surpreendida.

Albano – Porquê, foi melhor do que o habitual?

Eva – Eu não disse isso... Digamos que não era a mesma coisa. E eu não entendia porque é que tu querias tanto chamar-me Alexandra 69.

Albano – Saiu-te a sorte grande, não foi?

Eva – Digamos que... já não estava habituada a estas fantasias.

Albano – Estás a gozar comigo, ainda por cima...

Glória volta.

Glória – Desculpa... Podes me emprestar uma escova de dentes? Saí com tanta pressa que nem pensei nisso...

Albano – Olha, esta noite, não te enganes na cama. Nunca se sabe..

Glória – Eeh sim...

Albano – Vou vos deixar... Devem ter muito para conversar... experiências a partilhar.

Ele sai.

Glória – O que é que ele quis dizer?

Eva – Não sei... Quer dizer, sei...

Glória – O quê?

Eva – Ele acusou-me de o trair.

Glória – E... é verdade ou não?

Eva – Foi um adultério... involuntário

Glória – Adultério involuntário? Isso é uma piada?

Eva – Não.

Glória – Ah...

Eva – Um dia, cheguei a casa. Estava um homem na minha cama. Foi só na manhã seguinte que percebi que não era o meu marido.

Glória – Estás a gozar comigo?

Eva – De maneira nenhuma.

Glória – Ninguém vai acreditar nisso, Eva. E de certeza que o teu marido também não.

Eva – Tens razão... Isto é completamente irrealista.

Glória – Mas é uma pena. Imaginas? O prazer sem a culpa.

Eva – E sem castigo.

Glória – E valeu a pena?

Eva – Eu tenho de admitir...valeu, completamente, a pena

Glória – Enganar sem saber, não é realmente enganar. (*Ambas desatam num riso nervoso, mas Glória, subitamente, retoma a sua seriedade*). Sim... Mas se o Rui se atrevesse a contar-me uma história tão estúpida, é porque pensava que era uma idiota.

Eva – Ah pois... Mas... Não achas que um casal tem de perdoar?

Glória – Perdoar? Eu podia matá-lo.

Eva – É uma maneira de falar, imagino eu.

Glória – Alguma vez pensaste em matar alguém?

Eva – Olha...

Glória – Se o Albano te traísse, por exemplo, eras capaz de o matar?

Eva – Porquê? Sabes alguma coisa que eu não saiba?

Glória – Não, não, não.

Eva – E... E tu, nunca traíste o Rui?

Glória – Não... Enfim... depende do que se chama trair.

Eva – Ah é?

Glória – Quero dizer, tecnicamente... eu

Eva – Estou a ver... será que chupar é trair? Esse tipo de coisa...

Albano volta.

Albano – Bom... Agora podemos ir para a mesa.

Eva – Ir para a missa? Estás decidido a fazer uma confissão completa?

Albano – Eu estava a falar do jantar.

Glória – Ah pois, é verdade... O patê de javali...

Eva – Vou refrescar-me um pouco.

Eva sai. Silencio embaraçoso.

Glória – Não lhe contaste?

Albano – O quê?

Glória – Do nosso deslizezinho, no ano passado, no dia de Ano Novo.

Albano – Claro que não! Porquê?

Glória – Não sei... Acho-a estranha.

Albano – Não é isso, garanto-te.

Glória – Não, mas nunca falámos sobre isso... Eu estava um pouco bêbada. Tu também. Mas não significou nada, certo? Foi só... um pequeno acidente.

Albano – Oh, não... Não vais começar tu também com os acidentes...

Glória – Desculpa ter falado nisso, não devia ter...

Albano – Já está esquecido...

Eva volta e parece perturbada.

Eva – Vamos comer o javali, ou não?

A campainha toca.

Albano – Quem é que pode ser?

Eva – A polícia ?

Glória, intrigada com o seu comportamento estranho, lança-lhes um olhar inquieto.

Albano – Eu vou... Se eu não voltar daqui cinco minutos, liga para a minha advogada...

Eva lança um olhar a Glória para a tranquilizar.

Eva – É um jogo entre nós.

Glória – Está bem.

Eva – Gostas de javali?

Glória – Sim, bom...

Albano volta com um pacote.

Albano – Era o sushi.

Eva – Ah pois, é verdade, esqueci-me completamente.

Glória – Porque é que também pediram sushi?

Momento de embaraço.

Escuro.

Ato 2

Glória – Parabéns pelo teu patê, Albano. Estava delicioso.

Albano – Obrigado... Desculpa o chumbo que quase te partiu o dente. Temos de ter cuidado, porque há sempre um ou outro que escapa.

Glória – Não é fácil eliminar todos os vestígios de um crime, não é? Mas não sabia que eras caçador.

Eva – Eu também não, curioso não é?

Albano – Hoje em dia, é algo de que não nos devemos gabar.

Glória – Mas foste tu que o mataste, não foste? Ao javali?

Albano – Oh, sabes, estou apenas a começar... Não tenho uma grande espingarda.

Glória – Sim, confirmo...

Albano – Quer dizer, uso pequeno calibre. Nada de mal com a arma...

Glória – Mas repara, um javali é bastante grande. Normalmente usa-se uma arma de grande calibre, certo?

Albano – Na verdade, foi mais... um acidente.

Glória – Um acidente? Como assim?

Albano – Voltava para casa de uma caçada, de mãos vazias. Com o Rui, exatamente. E na estrada, este javali atravessou-se mesmo à minha frente

Glória – Um javali deprimido, talvez. Queria acabar com a sua vida de porco.

Albano – Sim, talvez...

Glória – Bem... a ti não te falta o ar...

Albano – Perdão?

Glória – Não, quer dizer, fazes muitas actividades ao ar livre... caça, golfe...

Eva – Tu também jogas golfe?

Albano – Sim, voltei a jogar... Um bocadinho.

Glória – E... andas mesmo a jogar golfe com o Rui, ou é só para lhe dares um álibi para ele andar a jogar com as amantes?

Albano – Não, não, jogamos golfe a sério, garanto-te. E ele é um ótimo jogador.

Glória – Pois... Pelo o que ele me disse, há uns belos 18 buracos ali para os lados de Sintra. Parece que tem hotel e tudo.

Eva – Tens de me levar um dia, não é Albano? Acho que também me ia dar bem com o golfe.

Glória – De qualquer das maneiras, vais dar-me a receita do teu patê de javali. Ah não, é verdade, desculpa... Isso também é um segredo...

Silencio embaraçoso.

Eva – Mais salada?

Glória – Não, obrigado. Não consigo comer mais nada...

Albano – Se quiseres ir descansar, estás à vontade.

Glória – Com o que me está a acontecer, não sei se consigo dormir. Mas é bom saber que, em casos como este, posso contar com os meus amigos.

Eva – Tu, aqui, estás em casa, Glória...

Albano – Sobremesa?

Eva – Temos gelado no congelador.

Glória – Não obrigado. Vou lavar as mãos, se não te importas.

Ela levanta-se.

Albano – Na casa de banho, porque a cozinha está um pouco desarrumada.

Ela sai. Albano come mais patê.

Eva – Parece que estás a lidar bem com isto tudo. Nem te tira o apetite...

Albano – Ajudaria se eu morresse de fome?

Eva – Porque é que lhe disseste que eras caçador?

Albano – Não sei... Saiu-me. Tive de inventar qualquer coisa, para evitar que fosse meter o nariz na cozinha.

Eva – E esse patê? O que é exatamente? Ou é melhor não perguntar?

Albano – Não, não... isso é verdade... é patê de javali.

Eva – Também temos de falar sobre o golfe, porque não me parece muito claro.

Albano – Mas eu não tenho nada a esconder.

Eva – Além de um cadáver... Vou repetir a minha última pergunta, isto não é uma piada? Porque seria de muito mau gosto. Lembro-te que a viúva está no quarto ao lado.

Albano – Vai ver o congelador, se quiseres. Mas ficas a saber que não é nada bonito de se ver.

Eva – Não quero ver nada. E não quero saber nada.

Albano – Vai ser difícil dizer que não sabias. Não estamos a falar de bebês congelados... escondidos entre duas pilhas de bifes. Isto é um tipo de um metro e noventa e cinco, dividido em três secções de sessenta e cinco centímetros.

Eva – Mas tu és um monstro... retalhar um cadáver, sabes com quanto tempo levavas? Queres que eu passe os melhores anos da minha vida na prisão?

Albano – Estamos no mesmo barco, Eva... Tens de me ajudar!

Glória volta.

Glória – Vou ligar-lhe.

Eva – Não sei se é boa ideia.

Glória – Ele tem de saber que vou deixá-lo!

Eva – Não queres pensar mais um pouco?

Glória – Não, de certeza absoluta. Nunca o perdoarei pelo que ele me fez.

Albano – Mas se calhar podes esperar até amanhã, não é?

Glória – Se ele não me vir a chegar esta noite, vai perguntar-se para onde fui. Vai chamar a policia.

Eva – Ah pois, nesse caso... Talvez seja melhor avisá-lo!

Albano – No estado em que está, duvido que chame a policia, mas...

Glória – No estado em que está?

Albano – Quer dizer... Ele pode já saber alguma coisa, e não deve sentir-se muito à vontade com isto.

Eva – Não preferes ir, simplesmente, para casa? Amanhã é outro dia.

Glória – Nunca mais vou conseguir dormir sob o mesmo teto que aquele filho da mãe.

Eva – Achas que estás em condições de falar com ele?

Glória – Não, mas descansa que não vou começar a falar com ele sobre a venda da casa e a custódia do cão. Eu digo-lhe para contactar a minha advogada, ou seja, tu.

Albano – Então, tu é que vais tratar do divórcio?

Eva – Não sei... Sim. A Glória pediu-me.

Albano – Bem... Se queres telefonar-lhe agora... queres ficar sozinha?

Eva – Se quiseres estar tranquila, podes ir para...

Albano – Para a cozinha, não...

Glória – Vocês não me incomodam, pelo contrário.

Ela marca o número. Ouve-se tocar no quarto ao lado.

Glória – É estranho. Parece que está a tocar aqui ao lado...

Albano – Deve ser o meu.

Glória – E não atendes?

Albano – Sim, sim... Vou agora...

Ele sai, sob o olhar intrigado da Eva.

Glória – Continua a tocar e ele não atende.

Eva – Sim... Não me surpreende.

Glória – Porque dizes isso?

Eva – Se ele viu o teu número, e sabe porque é que lhe estás a ligar, talvez... não queira atender.

Glória – É ele... Rui? Eu sei de tudo. Tudo o quê? Claro, faz-te inocente. Sim, o teu golfe dos 18 buracos. Como é que é o teu nome mesmo, no encontrosemfuturo.com? Ah pois é, Rui 327. Parece que já há muitos ordinários como tu neste site, que também têm nome este nome de merda. Grande estupor! Ora, é só isso que tens a dizer? Coitadinho! Acabou-se, Rui 327. Da próxima vez que tiveres algo para me dizer, fala com a minha advogada. Ah conhece-la muito bem, é a Eva. Sim, a Eva! A mulher do Albano, o teu melhor amigo. Então, perdeste o pio? Boa noite, cabrão! (Ela guarda o telemóvel.) É tão bom desabafar.

Eva está siderada.

Eva – Quem era?

Glória – Como assim, quem era? Ele, quem querias que fosse?

Eva – O Rui? E o que é que ele disse?

Glória – Não muito. O que tu queres que ele diga? Mas ele tinha uma voz estranha. Acho que vou tomar uma aspirina. Estou a ficar com uma enxaqueca. Posso ir buscar água à casa de banho?

Eva – Vai lá.

Glória – Grande cão...

Glória sai. Albano volta.

Albano – Tudo bem? O que é que se passa?

Eva – Enrolaste-me bem.

Albano – O quê?

Eva – A Glória. Ela acabou de falar com o Rui ao telefone.

Albano – Fui eu.

Eva – Como assim??

Albano – O telemóvel do Rui! Estava no bolso dele, por isso obviamente, ainda está. Fui eu que atendi, para não levantar suspeitas.

Eva – Não... Foi por isso que ela me disse que ele tinha uma voz estranha.

Albano – Fiz um truque que aprendi na televisão. Falei com um lenço à frente da boca.

Eva – Tu és completamente maluco.

Albano – Assim, temos um álibi. Não posso tê-lo matado há uma hora atrás, se ela falou com ele ao telefone.

Eva – A não ser que a polícia tenha a ideia de localizar a chamada. E descubram que era da nossa cozinha.

Albano – Achas mesmo que eles podiam ser tão zelosos?

Eva – Estamos a falar de um crime.

Silêncio. Albano finge começar a chorar.

Albano – Se soubesses como me arrependo. Se pudesse voltar uma hora atrás... Infelizmente, não é possível...

Eva – Mataste-o mesmo porque ele não gostou da tua peça?

Um tempo.

Albano – Não... Não só...

Eva – Então, porquê?

Um tempo.

Albano – Ele disse-me que dormiu contigo.

Eva – Ok... E porque é que não me disseste logo?

Albano – Queria ver se me contavas primeiro.

Eva – Então, também não acreditaste nele quando disse que era um simples mal entendido.

Albano – O Rui não me disse que, para ele, tinha sido um mal-entendido. O problema é esse.

Eva – Desgraçado... Vou matá-lo.

Albano – Eu já fiz isso! Só te peço que me ajudes a livrar-me do corpo. Se me amas... Tu amas-me?

Eva – Claro que te amo. Como é que podes ter dúvidas?

Albano – Eu acredito em ti.

Eva – E eu? Acreditas em mim quando eu digo que dormi com ele por engano?

Albano – Esforço-me... Admito que não é fácil.

Eva – O que é que posso fazer para te provar o quanto te amo?

Albano – Tu já fizeste muito. Mas tens razão, eu não tenho hipótese de me safar. E não te quero arrastar comigo para a prisão como cúmplice. Vou chamar a polícia.

Eva – Não, espera!

Albano – O quê?

Eva – Não quero que vás para a prisão durante anos.

Albano – Mas então o que fazemos?

Eva – Vou ajudar-te a fazer desaparecer o Rui...

Albano – Como?

Eva – Garanto-te que como advogada, muitos clientes confiaram-me os seus pequenos segredos. E aprendi alguns métodos simples, o suficiente para mandar o corpo de um tipo de quase dois metros, pelo ralo da banheira, depois de uma boa noite num banho de ácido.

Albano – Bom...

Eva – Mas primeiro, temos de nos livrar dela.

Albano – Livrar dela?

Eva – Quer dizer, tirá-la do caminho...

Albano – Ah... Assustaste-me...

Glória volta.

Glória – Estás com cara de funeral... Há algum problema?

Eva – Não, não, tudo bem.

Glória – Tentei deitar-me um pouco, mas não consigo dormir.

Albano – Que tal bebermos qualquer coisa e relaxarmos um pouco?

Glória – Não sei, com os comprimidos que tomei... é melhor não misturar, não é?

Eva – Vá lá, um pequeno digestivo nunca fez mal a ninguém.

Glória – É verdade que o javali me pesou no estômago. Tudo bem, mas... é um pouco pesado, não é?

Eva serve três copos e coloca discretamente um comprimido num deles.

Albano – Ah, trouxeste o álcool etílico...

Glória – Aguardente de batata...

Eva – É uma especialidade de Amiais de baixo.

Glória – Amiais de baixo?

Albano – A Eva tem um tio que mora lá. Um padre. Destila-o à noite com um alambique clandestino na sacristia da igreja.

Glória, distraída, não presta muita atenção à conversa.

Glória – Não sei onde é que ele se encontrava com as amantes.

Albano – Sabes que há hotéis em todo o lado.

Glória – Ele era tão forreta, que duvido muito. Além disso, estou convencida de que ele se inscreveu naquele site só para não ter de pagar a prostitutas. Porque, podes crer, a julgar pelas fotos das suas conquistas, não se preocupava muito com a mercadoria...

Eva – Obrigado...

Glória olha para ela com um olhar intrigado.

Albano – Mas porque é que estás a falar dele no passado?

Glória – Desculpa?

Eva – Disseste que ele era forreta.

Glória – Porque para mim, ele está morto!

Eva – Vá, não digas isso...

Glória – Ou talvez seja um amigo que lhe empresta o seu apartamento... neste tipo de situação, os homens são muito solidários, ou se são! Não estou a falar de ti, Albano, claro

Albano serve-lhe outra bebida.

Albano – Vá, isso só te faz mal. Bebe um golinho.

Glória – Não sei o que está a acontecer... Há bocado, não conseguia dormir ou sequer fechar os olhos, mas agora nem consigo mantê-los abertos. Acho que vou dormir...

Glória cai no chão.

Albano – Os comprimidos fizeram efeito, finalmente.

Eva – Foram sobretudo os comprimidos para dormir que lhe pus na bebida.

Albano – Não fizeste isso...

Eva – Agora podemos livrar-nos do corpo.

Albano – Dela?

Eva – O do Rui! Ajuda-me, vamos pô-la no quarto de hóspedes. Ela acorda amanhã de manhã e será oficialmente viúva.

Albano – Até lhe poupamos as complicações de um divórcio.

Eva – Afinal, é um favor que lhe fazemos.

Puxam-na pelos pés para fora de cena e regressam imediatamente.

Albano – E com o Rui, o que é que vamos fazer?

Eva – Ácido, pode ser um pouco demorado.

Albano – Especialmente se a Glória quiser tomar banho amanhã de manhã.

Eva – Tens razão.

Albano – Vamos dividir o Rui em três sacos do lixo. E vamos levá-lo a passear em Monsanto.

Eva – Ou ao jardim zoológico... Já vi isso num filme... Atiramo-lo para a jaula dos leões, e está feito.

Albano – Imaginas-te a passar pela segurança do jardim zoológico com três sacos do lixo?

Eva – Achas que podemos saltar a vedação?

Albano – Ok, vamos para Monsanto. Tenho uma pá no quintal.

Eva – E para... o Rui, queres que te ajude?

Albano – Já fiz a maior parte, eu trato disso. Ias sujar-te.

Eva – Como tu quiseres.

Ele sai.

Eva – Espero não estar a cometer um erro, mas... é tarde demais agora para voltar atrás. Bom, só mais um para o caminho.

Ela serve-se mais uma bebida e bebe de uma vez. O telemóvel dela toca.

Eva – Alô... (Surpresa) Rui? Se é uma piada, não é nada engraçada. És tu Albano? Desculpa, Rui, és mesmo tu? Não, não, não estou surpreendida mas... Quer dizer, sim, um pouco... Ah, esqueceste-te do telemóvel aqui. Sim, ele falou-me da vossa... discussão... Mas porque é que lhe contaste isso? Pronto, agora, já está. Tinha que sair um dia. Ok, eu digo-lhe... Certo... Obrigado por ligares. Olha a propósito, falaste com a Glória? Sim, acho que ela desconfia de alguma coisa. Sim, pode dizer-se que sim... Ok, xau Rui... (Ela desliga) Aquele sacana, fez de mim parva.

Albano volta com sacos de lixo.

Eva (como se nada fosse) – Então, já está?

Albano – Sim. Demorou um pouco, com o gelo, os pedaços começaram a colar-se no fundo do congelador. Tive de usar um picador de gelo!

Eva – Coitado do Rui... É estranho vê-lo assim, de partida para a grande reciclagem.

Albano – Seja como for, não sei como te agradecer. É uma prova de amor incrível.

Eva – Então perdoas-me por este adultério involuntário?

Albano – Claro... Mostraste-me o quanto me amavas.

Eva – E eu, perdoo-te por teres posto o teu melhor amigo na minha cama, sem me dizeres, ok?

Albano – Tenho que ir buscar mais dois sacos.

Eva – Eu vou te ajudar.

Albano – Tens a certeza?

Eva – Como tu estás sempre a dizer... para o melhor e para o pior...

Eles saem. Glória chega, num estado comatoso.

Glória – Estão aí? O que é que eu fiz ao meu telefone?

Ela olha para os sacos do lixo com curiosidade. Enquanto procura o telemóvel, encontra a camisa ensanguentada, com os botões-de-punho, debaixo da almofada do sofá. Intrigada, começa, lentamente, a recuperar. Abre um saco e fecha-o imediatamente, horrorizada. Os outros dois vêm com os outros dois sacos.

Albano – Glória, mas o que é que estás aqui a fazer?

Eva – Não estavas a dormir?

Glória – Não... Quer dizer, sim... Só me esqueci do meu telemóvel

Albano – Estávamos a sair para levar o lixo.

Glória – Vou voltar para a cama. Não se preocupem comigo.

Ela sai, assustada.

Albano – Achas que ela suspeita de alguma coisa?

Eva – Talvez devêssemos eliminá-la também, não?

Albano – Não sabia que estavas disposta a matar por mim. Quase que me assustas...

Eva (*exaltada*) – Conheces a canção do José Cid? Um grande, grande amor! (*Cantando*) Este amor não tem fronteiras, barreiras, muro em Berlim, é um mar, é um rio, é uma fonte que nasce dentro de mim...

Albano (*preocupado*) – Ouve lá, tenho de te dizer uma coisa...

Eva – Não me digas que mataste mais alguém...

Albano – Não, precisamente... Quer dizer, sim, mas...

Eva – Pobre Rui... Apesar de tudo, era um amigo. Gostava de lhe dizer um último adeus. Em que saco puseste a cabeça?

Albano – Se fosse a ti, não fazia isso.

Eva – Acho que precisamos de conversar, não é?

Albano – Ok, não é o Rui, nos sacos do lixo.

Eva – Como assim, não é o Rui? Mas mataste outra pessoa?

Albano – Não... quer dizer, não matei ninguém. Como é que pudeste pensar isso?

Eva – Estou a começar a não ter certeza de nada. *(Ela abre o saco e o seu rosto muda.)* Mas que horror! Então, mataste mesmo alguém?

Albano – Não... Enfim, sim... mas não...

Eva – O que é isso?

Albano – O javali...

Eva – O javali... Albano, que eu saiba, não és caçador. Ou é mais uma coisa que me escondeste?

Albano – Eu não sou caçador, juro. Mas a história do javali era verdade.

Eva – A sério? Gostava de ouvir isso...

Albano – Estava com o Rui. Estávamos a jogar golfe.

Eva – Ah, golfe... Não me digas que durante o jogo, entre o décimo sétimo e o décimo oitavo buraco, mataste um javali com uma bola de golfe?

Albano – Estávamos a voltar para casa, de carro. Fomos contra um javali na floresta. Quase nos matámos. Porque um javali de 200 quilos, a 90 quilómetros por hora, posso dizer-te que faz estragos, mesmo a conduzir um grande todo o terreno.

Eva – Sim, imagino...

Albano – Saímos da estrada. O Rui até estava um pouco tonto.

Eva – E?

Albano – Como ele ainda estava vivo, decidi levá-lo a um veterinário.

Eva – Ao Rui?

Albano – Ao javali! Pusemo-lo na bagageira. Só que, quando chegámos ao veterinário, ele tinha sucumbido aos seus ferimentos.

Eva – Quem?

Albano – O javali!

Eva – Ah ok...

Albano – Como que ele estava na bagageira, não sabíamos o que fazer com ele. Foi nesse momento que o Rui resolveu transformá-lo em patê.

Eva – Ideia brilhante... Mas então porquê toda esta confusão?

Albano – Enquanto o Rui estava a cortar o animal, disse-me que tinha dormido contigo.

Eva – Esfolar aquela carcaça de javali deve tê-lo inspirado... E o que é que ele te disse, então? Porque ele sabia bem que estava na cama do amigo...

Albano – Sim, e por isso sentia-se culpado. Queria aliviar a consciência.

Eva – A consciência? O Rui?

Albano – Tens razão. Acho que ele queria sobretudo humilhar-me... escondendo-se atrás do facto de que foi um adultério involuntário... como tu dizes.

Eva – E então?

Albano – Então ele acabou por me dizer que sabia exactamente o que estava a fazer. E tu também, provavelmente.

Eva – Desgraçado... Juro que...

Albano – Enfim... tivemos uma luta.

Eva – Daí o sangue na camisa.

Albano – Não, isso é o sangue do javali, quando o pusemos na bagageira.

Eva – Ah, ok...

Albano – Depois, fizemos as pazes. Emprestei-lhe outra camisa e ele foi-se embora.

Eva – E depois?

Albano – Quando chegaste, eu fiquei com raiva de ti. Por não me contares. Senti-me traído. Enganado.

Eva – Desculpa. Mas juro que eu, não sabia...

Albano – Foi quando tive esta ideia. Veio-me assim... Esfolar aquele pobre animal deixou-me em transe. Tinha encontrado a receita num daqueles canais de cozinha.

Eva – Canais de cozinha?

Albano – Para te castigar, disse-te que o tinha matado. Para ver a tua reacção. E depois, uma coisa levou a outra, e...

Ouve-se uma sirene de policia. Eva vê a camisa a sair de um saco.

Eva – Deve ser a Glória. Ela viu os sacos e a camisa. Deve ter chamado a policia.

A porta bate violentamente. Glória chega, com uma faca na mão.

Glória – Afastem-se de mim, seus doentes...

Eva – Acalma-te, vamos explicar-te tudo. É sou uma brincadeira estúpida.

Albano – Não é o Rui, nos sacos do lixo.

Glória – Não te mexas ou disparo!

Albano – É uma faca...

Eva – Eu abro um, e tu podes ver por ti.

Ela mostra-lhe o conteúdo de um saco.

Glória – Mas o que é esse horror?

Albano – É um javali. Olha! Está cheio de pêlos.

Glória – Rui também tinha muitos pêlos!

Eva – Não tanto assim...

Glória – Como é que tu sabes?

Locutor – Polícia!

Albano – Foste tu que os chamaste. É melhor que sejas tu a explicar-lhes.

Eva – Não vai ser fácil...

Glória – Ok...

Glória sai.

Albano – Desculpa... Foi estúpido da minha parte. Mas senti-me traído.

Eva – A culpa é minha. Devia ter-te contado tudo imediatamente. Mas pronto, estava com medo que não acreditasses em mim.

Albano – Fomos os dois muito estúpidos.

Eva – Nunca é solução, varrer para debaixo do tapete... Acaba sempre por sair.

Albano – Sim. É por isso que é melhor dizer-lhe tu também.

Eva – O quê?

Albano – À Glória! Sobre o Rui.

Eva – De qualquer forma, ele engana-a com tudo o que mexe.

Albano – Sim, mas tu és a melhor amiga dela.

Glória regressa.

Glória – Está tudo bem. Eles foram-se embora. Desculpem, não sei o que me deu.

Eva – Estamos todos um pouco perturbados esta noite. Deve ser lua cheia.

Glória – Não sabia que era lua cheia.

Eva – Bem, se não é lua cheia, é parecida.

Albano – Vou deixar-vos a sós, porque acho que têm muito que conversar.

Albano sai.

Glória – O que é que ele quis dizer?

Um tempo.

Eva – Eu dormi com o Rui.

Glória – O quê?

Eva – Juro, foi... totalmente involuntário.

Glória – Então, a história que me contaste antes eras tu... e o Rui?

Eva – Queria contar-te há muito tempo, mas não sabia como.

Glória – Mas como é que é possível?

Eva – Esse sacana do Albano costumava emprestar-lhe a nossa cama de casal para os seus encontros.

Glória – Ok, acredito. E não quero saber mais nada. Tu és a minha melhor amiga, não é?

Eva – Obrigada, Glória.

Glória – Todos cometemos erros, quando bebemos demais.

Eva – Eu estava totalmente sóbria.

Glória – Bem, não é essa a questão. E o Rui, esse filho da mãe. Ainda bem que não o tenho à minha frente agora, porque seria capaz de o matar!

Eva – Não se mata alguém assim, não te preocupes. Mas se precisares de uma advogada, estou aqui... para o teu divórcio, quero dizer.

Glória – Obrigado... Bem, acho que é melhor deixar-vos. Vocês também precisam de conversar. Vou dormir em casa da minha mãe. Eu digo-lhe que me esqueci das chaves.

Eva – Tem cuidado... Amanhã, vais ver as coisas com mais clareza. E tudo será mais claro para nós todos.

Glória vai-se embora. Albano volta. Sentam-se no sofá e ficam em silêncio por um momento.

Albano – Foi mesmo involuntário?

Eva – Digamos que foi... inconsciente...

Albano – Ok, vou fingir que acredito.

Abraçam-se.

Eva – Mas é verdade que, desde então, despertou a minha libido.

Albano – Sim, reparei. E até estava a perguntar-me como é que isso aconteceu...

Eva – É que devíamos fazer isto mais vezes.

Albano – Queres dizer... esses encontros às cegas na nossa cama conjugal?

Eva – Tens outros amigos a quem emprestas o nosso apartamento?

Albano – Estava a pensar mais no contrário. Também deves ter amigas que enganam os maridos. Lembra-te que tens mais um ponto que eu.

Eva – Perdão, mas só tenho amigas fiéis.

Eles beijam-se.

Escuro.

Epílogo

Três malas alinhadas num canto da sala. Albano chega da rua e tira a gabardina.

Albano – Querida! Estás em casa?

Eva chega.

Eva – Então, como é que foi?

Albano – Eles adoraram a peça. Decidiram produzi-la no outono.

Eva – A sério? É óptimo!

Albano – E acharam o título fantástico.

Eva – Um pequeno homicídio sem consequências... Soa melhor que *Micro-ondas*...

Albano – Devemos referir que é experiência própria...

Eva – Ou quase...

Eles se beijam.

Albano – No final, tudo acaba bem.

Eva – Sempre acreditei em ti. Mesmo quando me contavas histórias de mortes e afins

Albano – Afinal, esta experiência aproximou-nos. Prometo-te que nunca mais te vou mentir.

Eva – E eu nunca mais te escondo nada.

Albano repara nas malas.

Albano (*preocupado*) – O que são estas malas? Já me vais deixar? Depois de tudo o que me disseste.

Eva – São as malas da Glória. Ela perguntou-me se podia passar cá a noite. Acho que as coisas não correram bem com o Rui. Ela não sabe para onde ir.

Albano – Que chata...

Eva – Devemos-lhe isso...

Albano – Bom ok... Mas não mais de uma noite, então.

Toca a campainha.

Eva – Deve ser ela.

Albano – Ok, vou buscar o champanhe.

Eva – Para celebrar o divorcio da Glória?

Albano – Para celebrar o sucesso da minha peça! Não faz mal, bebemos com ela.

Albano sai. Eva abre a porta e volta com Glória.

Eva – Não pareces estar bem. Tiveram uma discussão, não foi?

Glória – Olha Eva... Acho que fiz uma estupidez.

Eva – Estás a assustar-me. Que tipo de estupidez?

Glória – Acho que matei o Rui.

Eva – Ah não, não... essa, já ouvi antes. Não duas vezes...

Glória – Tivemos uma pequena explicação, nós dois. A coisa ficou feia. E eu disselhe para sair de casa imediatamente.

Eva – E depois?

Glória – Bem... Ele foi buscar as malas. Foi aí que as coisas se descontrolaram.

Eva – Descontrolaram?

Glória – Estava a cortar uma galinha. Tinha uma faca eléctrica na mão, e... talvez tenha ido um pouco longe demais.

Eva – Mas onde ele está? No hospital?

Glória – Infelizmente, já era tarde para o 112. Eu só queria assustá-lo. Ele aproximou-se para me desafiar. Fiz um movimento reflexo, e... cortei-lhe a carótida.

Eva – Oh meu Deus... O pesadelo continua. E onde está?

Glória aponta para as malas.

Glória – Eeh... nas malas...

Eva – Não...

Glória – Vou precisar do teu conselho, Eva.

Eva – O meu conselho como advogada? Não te iludas, Glória. Posso ser uma assassina, mas não vamos poder fazer com que pareça um acidente doméstico.

Glória – Estava a imaginar que o tubo da banheira, depois de um banho de ácido....

Eva – Vou ter de falar com o Albano...

Albano regressa, com um sorriso no rosto, e a garrafa de champanhe.

Albano – Champanhe!

Eva e Glória olham para ele, espantadas.

Escuro.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Abril 2021
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-588-3

Documento para download gratuito